

Denúncia provoca ameaça de morte

RECIFE — A presidente da Fundação Maria Mimosa, Telma Gomes de Araújo, acusada de utilizar recursos de subvenção social para comprar uísque contrabandeado do Paraguai, não revelou à Polícia Federal o nome do deputado cearense que intermediou a liberação da verba para a entidade. "Estou com medo de morrer", disse ao delegado Lusenildo Ferreira Félix pelo telefone, contrariando informação de seu primeiro depoimento, quando garantiu não saber quem eram os responsáveis pelo esquema de corrupção na Fundação.

Ela também não informou o nome e o endereço da empresa que, em Fortaleza, prepara para o deputado a documentação de entidades fantasmas, como a Maria Mimosa, desativada desde 1991. Telma Araújo prometeu,

no entanto, voltar a procurar o delegado na próxima semana, após contratar um advogado.

Caso não compareça espontaneamente a PF, Telma Araújo será intimidada. Ela responde a inquérito por estelionato, apropriação indébita e falsidade ideológica.

Utilizando a entidade fantasma, Telma conseguiu Cr\$ 200 milhões a preços de junho de 1992, a fundo perdido, para prestar assistência a menores carentes e idosos. Mas confessou ter aplicado Cr\$ 50 milhões na compra de pelo menos 200 caixas de uísque contrabandeado do Paraguai.

No primeiro depoimento, Telma contou que conseguiu a subvenção social com a ajuda de um amigo identificado apenas como Jorge Alberto, que encaminhou a documentação fria para a empresa em Fortaleza.